

QUEM FAZ O SUAS  
ACONTECER

SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA,  
**AFETIVIDADE FAMILIAR E  
FILHOS ADOLESCENTES**

Por Andréa Souza Sales,  
Dayse Porto da Silva Freire e  
Luana Cristina Delfino Moreira

## I O ADOLESCENTE DA SOCIEDADE ATUAL

“Contemporaneidade” é um termo que indica o período histórico iniciado na segunda metade do século XX, marcado mundialmente pela necessidade de ajustes na esfera política e nas relações econômicas internacionais – marcadas pelos contrastes econômicos, dependência entre países em desenvolvimento e aqueles que detêm o capitalismo central, existência de desemprego e de pobreza etc. (RAPPAPORT, 1993).

A contemporaneidade traz também profundas mudanças na estrutura familiar e, com elas, transformações nas relações entre seus membros. Um bom exemplo é a crescente e marcada inserção da mulher no mercado de trabalho. Com isso, muitas vezes, as mulheres que trabalham em dupla jornada (em casa e nos empregos) sofrem demandas especiais que resultam em consequências na convivência familiar, em novas formas de distribuição de responsabilidades domésticas e familiares entre o casal frente às necessidades dos filhos, ao mesmo tempo que se introduzem novos conflitos e lacunas no exercício de papéis no cotidiano.

É nesse contexto que a ideia de “adolescência” ganha melhor forma. No século XVIII, essa fase da vida se confundia com a infância, sendo compreendida como um prolongamento desta: a infância, então, não era limitada pela puberdade, mas pelo fim da dependência. A essa categoria dava-se o nome de juventude, que não é sinônimo do que chamamos atualmente de adolescência, pois se tratava de indivíduos que, apesar de pouca idade, já exerciam funções sociais definidas (GUTIERRA, 2003, p. 26).

“ A contemporaneidade traz profundas mudanças na estrutura familiar. ”

De acordo com Fleig (1993, p. 5), “autoconsciência e autodeterminação são traços específicos do sujeito moderno enquanto razão que se submete ao próprio tribunal da razão”. Para a autora, o adolescente é um ser biopsicossocial com desenvolvimento interno envolvido em contextos relacionais, cujos sistemas de valores e influências de grupos provocam a necessidade de assumir diversas representações que se tornam conflitantes. A necessidade de segurança e apoio num período considerado conflitivo do ponto de vista mental, emocional, físico e social faz com que o adolescente possa apre-

sentar um comportamento rebelde (BEDENE, 2010).

Adolescentes, por exemplo, de classes sociais consideradas de baixo poder aquisitivo (C, D e E) vivenciam uma realidade na qual a família é vista como um apoio, uma vez que o importante para eles é a diminuição de sofrimentos com a obtenção de alternativas de trabalho por meio de uma busca pessoal esforçada (OZELLA; AGUIAR, 2008).

Dessa forma, a motivação do comportamento na adolescência recai sobre as emoções, elementos primordiais para sua vida, ao reconhecer no seu desenvolvimento um valor muito mais significativo do que traços físicos ou aptidões mentais (CAMPOS, 2010).

O adolescente assume significações instituídas pela sociedade contemporânea, na qual busca o direito pela construção da individualidade, da possibilidade de escolher e de ter liberdade, influenciando a construção de sua subjetividade (OZELLA; AGUIAR, 2008). Pode ser visto, portanto, como um ser em meio às relações socioculturais, edificando um mundo subjetivo que necessita do apoio constante e equilibrado daqueles que, vinculados nesse processo existencial, têm a função de orientá-los.

Os autores Cerveny e Berthoud (1997) trabalham com o conceito de ciclo vital familiar, considerando que ela possui um desenvolvimento, ordenação, etapas e fenômenos que sucedem determinado ritmo, buscando o equilíbrio entre flexibilidade e estabilidade ao longo do tempo. As autoras descrevem o ciclo vital familiar em quatro fases: Fase de Aquisição, Fase de Adolescente, Fase Madura e Fase Última.



Foto: iStock.



Entretanto, falaremos das definições e características da Fase Adolescente.

Segundo Cerveny e Berthoud (2011), a Fase Adolescente caracteriza-se pelo período em que a família vivencia a transição dos filhos para a adolescência. Em razão dessa transição, muitas vezes os pais acabam revivendo seus próprios dilemas e resgatando traços de uma juventude que ainda vive em seu interior.

As autoras também afirmam que nessa fase pais e filhos estão se reajustando aos dois fenômenos: a reconfiguração e o novo ritmo que terão de vivenciar em família. Entretanto, lembram que nem sempre a fase adolescente é sinônimo de família com filhos adolescentes, mas, sim, o período em que o sistema familiar “adolesce” e se caracteriza por novas buscas, significados existenciais e o empoderamento de novos papéis tanto no âmbito familiar como na particularidade de cada cônjuge.

No que se refere à relação pais e filhos, é comum na fase adolescente que os pais questionem seus papéis como cuidadores e sintam a necessidade de encontrar novas estratégias para lidar com os filhos, visto que os moldes anteriores já não são efetivos. Costuma haver grande disputa de forças: os filhos questionando e contrariando os moldes e crenças de seus pais e os pais buscando manter sua posição de autoridade. Em razão dessas disputas emerge no núcleo familiar a necessidade do diálogo entre pais e filhos para possibilitar a troca de experiências de vida (CERVENY; BERTHOUD, 2011).

Na sociedade contemporânea observamos as novas configurações familiares, advindas, por exemplo, do divórcio, do recasamento, das uniões homoafetivas e outras composições que caracterizam as famílias nos dias atuais. Considera-se que essas novas formas de vida têm impacto sobre os lares e os filhos que neles vivem: pode-se prever o maior desenvolvimento da autonomia dos filhos, assim como a promoção de relações humanas mais respeitadas diante do convívio cotidiano

e íntimo com a diversidade, mas pode ocorrer um sentimento de desamparo e distanciamento afetivo derivado de grandes e numerosas mudanças em período de desenvolvimento psicoafetivo e social dos filhos.

A diminuição do tempo compartilhado entre pais e filhos não é responsabilidade exclusiva dos pais, mas é também causada por uma característica da adolescência. Como vive a necessidade de se reconhecer e ser reconhecido como pessoa autônoma, o adolescente tende a buscar essa condição por meio do afastamento, passando a procurar nos amigos o acolhimento e o diálogo.

Tendo em vista as várias escolas psicológicas, Campos (2010) explica que as experiências nos anos anteriores (infância) são de fundamental importância na fase da adolescência. Em suas palavras:

*A criança, cujas necessidades de carinho e afeição foram satisfeitas, comumente tem os fundamentais sentimentos de segurança que a capacitam a enfrentar os stress da adolescência com um considerável grau de resistência. Se, através dos anos, foi ajudada a entender a si e aos outros, a identificar seus alvos e valores, a resolver seus problemas e a ajustar-se às mudanças, em si mesmo e no ambiente, estará bastante fortalecida para enfrentar as tensões e pressões emocionais da adolescência. Nesta fase, será particularmente importante o grau em que desenvolveu a autodisciplina e aprendeu a aceitar as responsabilidades da progressiva proporção de liberdade que vai alcançando (CAMPOS, 2010, p. 58).*

A autora afirma que o adolescente, como um ser biopsicossocial, tem um desenvolvimento interno associado a contextos relacionais, cujos sistemas de valores e influências de grupos provocam a necessidade de assumir diversas representações que se tornam conflitantes.



Foto: iStock.

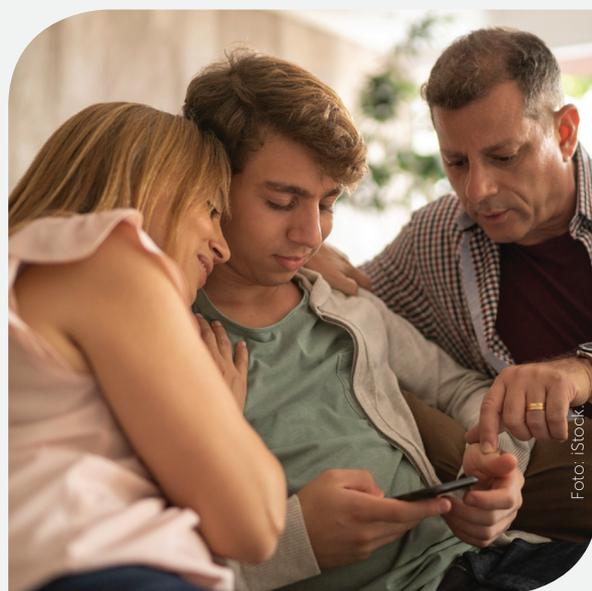


Foto: iStock.

## CONCLUSÃO

Ao refletirmos sobre a realidade do país na perspectiva de estudar o adolescente, mostra-se um desafio necessário a todos aqueles que estão sensibilizados com a acelerada sociedade que impõe severas exigências de adaptação na atualidade. Este horizonte ganha preocupação maior quando estamos tratando de seres em períodos decisivos de formação humana – os adolescentes.

Consideramos fundamental resgatar, na visão de desenvolvimento humano, o destaque sobre a existência de alguns valores introduzidos pelas famílias na experiência de seus filhos. Em primeiro lugar, vale a pena mencionar o amor entre responsáveis e filhos, que é o elo que, vivenciado no seio familiar, poderá dar uma base segura de desenvolvimento afetivo transferido a outros além deste grupo. Em seguida, vale destacar a importância do diálogo entre as pessoas da família, prática por excelência das trocas sociais, alicerce de uma sociedade fraterna e justa.

Na fase da adolescência também é comum que os pais questionem seus papéis como cuidadores e busquem estratégias para lidar com seus filhos, já que houve uma mudança. Pode ser uma fase de renovação e aprendizado para todos.

Valorizar os vínculos afetivos especialmente no núcleo familiar pode ser uma das estratégias seguras para a construção de adultos saudáveis e uma sociedade mais autônoma e responsável.

Texto produzido como trabalho de conclusão da formação "Convivência no século XXI: diálogo sobre solidão e autonomia", do Projeto Inovasuas, do Núcleo PAULUS de Formação, Pesquisa e Disseminação Social.